

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A VISÃO DA PSICANÁLISE SOBRE A DEPRESSÃO
NO CONTEMPORÂNEO

João Guilherme Zuliani de Souza

Prof. Orientador: Marise Marcolan

Sorocaba/SP

2023

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A VISÃO DA PSICANÁLISE SOBRE A DEPRESSÃO
NO CONTEMPORÂNEO

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para
a conclusão do Curso de Formação em Psicanálise
sob a orientação da Professora Marise Marcolan

Sorocaba/SP

2023

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

João Guilherme Zuliani de Souza

**A VISÃO DA PSICANÁLISE SOBRE A DEPRESSÃO NO
CONTEMPORÂNEO**

Avaliado em ____/____/____

Nota Final:() _____

Professora Orientadora: Marise Marcolan

Professor(a) Examinador(a):

Sorocaba/SP

2023

Resumo

O atual acréscimo dos diagnósticos de depressão verificado na atualidade está correlacionado com o crescimento do mercado da indústria farmacêutica, do comércio de antidepressivos e do fenômeno da medicalização do social. O objetivo desse artigo é indagar o que se denominou de “epidemia de depressão”, fato complexo que não deveria ser reduzido a fatores unicamente biológicos ou sociais. Além disso, mostrar o quanto a medicalização desenfreada vem tentando abafar o sofrimento dos indivíduos, e muitas vezes, desprezando-se as diversas dimensões da condição humana (dimensão social, histórica, política e cultural). E ainda, mostrar os motivos pelos quais a psicanálise como um tratamento vem sendo desprezado frente a um sujeito cada vez mais medicalizado.

Palavras-chave: Depressão, medicalização, psicanálise.

Abstract

The current increase in diagnoses of depression is correlated with the growth of the pharmaceutical industry, the trade in antidepressants and the phenomenon of the medicalization of society. The aim of this article is to investigate what has been called the "depression epidemic", a complex fact that should not be reduced to solely biological or social factors. In addition, to show how rampant medicalization has been trying to stifle the suffering of individuals, and often, disregarding the various dimensions of the human condition (social, historical, political and cultural dimension). And yet, to show the reasons why psychoanalysis as a treatment has been neglected in the face of an increasingly medicalized subject.

Keywords: Depression, medicalization, psychoanalysis.

1. Introdução

A depressão tornou-se um fenômeno significativo na configuração das psicopatologias contemporâneas, ganhando destaque não apenas no discurso especializado das ciências, mas também na linguagem do senso comum. Afinal, nos dias de hoje, quem não descreve seu mal-estar como "depressão"? Cada vez menos experimentamos tristeza, luto ou enfrentamos o mal-estar inerente ao projeto civilizatório. Ao menor sinal de falta de felicidade ou produtividade, soa-se o alarme: "estou deprimido!".

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS,2022), houve um aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo mundo devido à pandemia do COVID-19, a qual assolou diversos países do globo. Ainda não se sabe as reais consequências do impacto dessa pandemia na saúde mental dos indivíduos, já que o ser humano teve que lidar com muitas perdas em um curto espaço de tempo (perda do convívio social, perda material, perda de entes queridos, perda da saúde física).

Solomon (2002) apud Danziato e Herculano (2022), ao descrever a experiência pessoal de Solomon com o sofrimento depressivo, afirma que o diagnóstico de depressão não é fácil, pois depende, em grande parte, das metáforas escolhidas pelo sujeito ao nomear o sofrimento, sendo diferentes das elegidas por outro para falar de seu adoecer, evidenciando, assim, a singularidade dessa forma de sofrer. Além disso, os autores propõem existir um conluio entre o que a psiquiatria descritiva almeja e a queixa do deprimido, que busca uma nomeação psiquiátrica, já que não consegue nomear e sustentar o seu mal-estar.

Nesse sentido, é possível considerar um movimento ideológico responsável pela ênfase que a depressão ganha nas configurações do mal-estar na atualidade. Portanto, devemos desconfiar das certezas que nos são apresentadas como inquestionáveis e quando a palavra "depressão" surge no discurso de alguém, pode haver uma ocultação do sofrimento psíquico em jogo. Com o objetivo de contribuir para a abordagem dessa questão, o presente artigo busca apresentar uma

perspectiva psicanalítica sobre a temática das depressões, com foco em uma crítica da configuração contemporânea da sociedade que favorece o surgimento da depressão como forma de adoecimento psíquico. Entende-se que a questão das depressões seja bastante significativa do mal-estar contemporâneo e também configure um exemplo importante da biologização e medicalização do discurso sobre o sofrimento psíquico que tem lugar na sociedade contemporânea. Para tanto, defende-se a posição crítica da psicanálise ao denunciar que as depressões ilustram a desresponsabilização do sujeito de sua condição de ser desejante e simbólico, sendo seu mal-estar remetido diretamente ao corpo biológico.

2. Metodologia

No desenvolvimento desse artigo foi utilizado uma pesquisa bibliográfica, coletando-se artigos do “Google Acadêmico” e livros relacionados ao assunto. A partir dessas fontes teóricas, foi feita uma análise crítica da depressão na atualidade, onde a medicalização desenfreada tem tentado abafar o sofrimento dos indivíduos.

3. Discussão

As depressões representam uma realidade preocupante e amplamente presente nos dias atuais, sendo um diagnóstico frequente nos espaços de cuidado em saúde e assistência social. Essa realidade é inquietante devido à sua complexidade, caráter enigmático e, por vezes, desfechos trágicos. Em 2009, dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde indicaram que nos próximos 20 anos a depressão se tornará a doença mais comum do mundo, afetando mais pessoas do que qualquer outro problema de saúde, incluindo o câncer e as doenças cardíacas.

Kehl (2009) afirma que o aumento expressivo das depressões como sintoma do mal-estar do século XXI evidencia que o sofrimento dos depressivos coloca-se em xeque a sociedade maníaca em que vivemos. Tristezas, desânimos, as simples demonstrações da dor de viver parecem inaceitáveis em uma sociedade cada vez mais marcada pelo consumismo desenfreado.

Ainda, segundo a autora, atualmente há uma imposição para sermos felizes. A tristeza é vista como uma deformidade, um defeito moral. Como se o médico ou o psi fosse obrigado a extirpá-la de seu paciente(analisando).

Ao patologizar a tristeza, perde-se um importante saber sobre a dor de viver. Aos que sofrem o abalo de uma morte importante, de uma doença, de um acidente grave, a medicalização da tristeza ou do luto rouba ao sujeito o tempo necessário para superar o abalo e construir novas referências, e até mesmo outras normal de vida, mais compatíveis com a perda ou com a eventual incapacitação (KEHL,2009, p. 31).

O pai da psicanálise, Sigmund Freud, em sua vasta obra, não escreveu textos que tratassem da depressão de forma mais detalhada e abrangente, ao contrário do termo “melancolia” (COSTA, 2015). Em seu principal texto acerca da melancolia, Luto e Melancolia (Freud,1914), Freud nos diz que melancolia se conceitua psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima. Nota-se que nessa passagem, o termo “melancolia” se aproxima do signo depressão dos dias atuais. “No luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (FREUD, 1917/1996 apud COSTA, 2015, p. 128).

Kehl (2009) ressalta que as ideias do texto freudiano Luto e melancolia representam uma mudança de paradigma na clínica das melancolias, antes submetida ao campo da psiquiatria do século XIX e início do XX. A mais contundente dessas ideias está na constatação de que o ódio recalcado pela perda do objeto de amor primordial é a origem inconsciente das autoacusações melancólicas, o que evidencia que a melancolia pode ser resultado de uma forma peculiar a alguns sujeitos de lidar com essa perda decorrente da travessia constitutiva.

CONTEXTO SOCIOCULTURAL DA ATUALIDADE

Ao longo de sua obra, Freud já evidenciou uma preocupação significativa em relação ao impacto do discurso social na formação psíquica dos indivíduos,

destacando que a constituição psíquica é influenciada por fatores internos e externos que estão intrinsecamente ligados à sociedade, suas normas e sua moral.

No texto "O Mal-Estar na Civilização", Freud aborda a concepção do aparelho psíquico como intrinsecamente ligado à sociedade e ao contexto histórico em que o indivíduo se encontra. A leitura desse texto evidencia que a sociedade como um todo é internalizada intrapsiquicamente por meio das relações interpessoais estabelecidas pela pessoa com os outros. Nesse sentido, pode-se mencionar a formação do Superego como a internalização das normas e regras morais nos indivíduos, as quais são influenciadas pela sociedade e seu contexto histórico específico (FREUD, 1930/1990 apud LEITE, 2017).

Ainda nesse texto tão famoso e atemporal do Freud, o ser humano vive um estado de desamparo desde seu nascimento, e apenas por meio da vivência desse estado é que busca estabelecer laços com os outros em busca de proteção. Desse modo, a partir do encontro com o outro, inicia-se a entrada de Eros, a pulsão de vida, que interrompe o ciclo da pulsão de morte, uma pulsão anterior a Eros que tende a retornar ao estado inorgânico, introduzindo assim uma satisfação diferenciada mediada pela relação de amor com o outro. É essa relação com o outro, estabelecida pelo amor, que retira o indivíduo do estado de desamparo.

Na sociedade contemporânea, esse vínculo com o outro está profundamente marcado pelo discurso capitalista, pelo consumismo e pela lógica da busca por uma satisfação imediata e irrestrita. Lógica esta que diz de uma profunda articulação com a pulsão de morte, a qual tende a uma destruição dos objetos pela via do consumo e também pela via da satisfação por puro prazer, a princípio desarticulado do princípio de realidade (LEITE, 2017, p.182).

Além disso, atualmente vivemos em uma sociedade marcada pelo "Narcisismo", onde os indivíduos têm a tarefa de constituir-se e manter-se a partir do que é produzido nas relações de consumo, definindo seu status a partir do circuito de aquisição de bens materiais e culturais, gerando um imperioso hedonismo e individualismo, em que o outro aparece como aquele que pode confirmar a projeção de sua autoimagem. É como se o indivíduo precisasse cada vez mais do reconhecimento do outro na diferenciação de sua identidade, por meio de dispositivos culturais cada vez mais próximos de performances e espetáculos.

Campos (2017) ao citar a proposição de Debord (1997), de uma sociedade do espetáculo, aborda-se o efeito do consumo e da comunicação de massa nas relações sociais e na produção de ideologias, gerando uma mudança crucial na configuração desses vínculos, que se enquadra perfeitamente na ideia de espetáculo como conjunto de interações sociais intermediadas pelas criações midiáticas. Dessa forma, as imagens se tornam o próprio meio da relação social e a sociedade do espetáculo seria a forma mais maléfica da sociedade capitalista, pois nela a dimensão fictícia do encantamento com a mercadoria seria ficticiamente e sedutoramente desvinculada de sua base material. Assim, pode-se explicar em nossa cultura do Narcisismo, o culto à imagem pode ser ilustrado pelo fenômeno contemporâneo de um ideal “Big Brother” de relações e pela noção de uma celebridade instantânea, em que a estética parece ser o único meio de reconhecimento, mesmo por poucos minutos de fama.

Freud, em 1914, já havia conceituado o termo Narcisismo, como sendo o investimento da libido no eu e uma etapa primordial na constituição do indivíduo, já que é nele que se constitui sua identidade e a diferenciação desta instância do aparelho psíquico por identificação com seus objetos primários, configurando um passo importante no desenvolvimento libidinal e das relações de objeto. Essa dinâmica narcísica constitui a personalidade e estabelece o modo de relação com os objetos e da imagem de si que é mediada por representações que se colocam como ideais, fruto de processos de identificação e idealização.

Nesse sentido, Campos (2017) ao citar Birman (2001,2006), traz uma visão psicanalítica para se compreender a subjetividade contemporânea, propondo uma noção de um ideal performático e estético como regulador da subjetividade na atualidade. Logo, é necessário que se entenda que o Narcisismo não pode ser entendido como egoísmo ou individualismo, no que se refere a um investimento de si que desconsidera os outros.

O indivíduo contemporâneo é autocentrado, mas a referência ao outro é fundamental, contudo a relação com esse outro é narcísica. Sem isso, não se pode entender a urgência de reconhecimento efêmero que move a subjetividade na atualidade. Isso leva ao ponto ressaltado pelo autor, de uma verdadeira estetização da existência e de um imperativo performático cujo resultado é uma inflação do eu marcada pela imagem, pelo imediatismo e pelo consumismo, de forma tal que é a aparência o diferencial da identidade

e o corpo o veículo preferencial de expressão e suporte da subjetividade (CAMPOS, 2017, p.30).

Esse modo de subjetivação incide demasiadamente na atualidade, principalmente nas formas de constituição e expressão do mal-estar e dos sintomas, articulando-se o que se convencionou chamar de psicopatologias contemporâneas, em que a depressão ganha um destaque pela sua prevalência dentro os diagnósticos. Isso se justifica porque na atualidade há um intenso sofrimento psíquico quando se tem uma ameaça no aspecto estético, consumista e performático dos indivíduos e a depressão, com seu embotamento afetivo e desejante, por meio de uma aversão ao contato e à visibilidade, com um desinvestimento do eu e do corpo, é justamente a expressão mais ilustrativa disto.

Dessa forma, a depressão pode ser considerada como um contrassenso desse ideal contemporâneo, assim como a histeria era um contrassenso da sociedade repressiva do final do século XIX. Nos dias atuais, vivenciar a sexualidade não é mais “pecado”, “pecado” é ficar depressivo, de modo que, o psiquismo passa a ser regulado por uma norma literalmente econômica em nossa sociedade capitalista.

Seguindo esse prisma, os avanços da indústria farmacêutica a partir do fenômeno da depressão culminou no surgimento do famoso “Prozac” nos anos 1990, denominado pela mídia da época como a “pilula da felicidade” (KRAMER,1994 apud CAMPOS,2017). Além disso, Campos destaca que: “ o lugar da medicação nos tratamentos de saúde só veio aumentar, com o efeito de passar a se configurar de forma mais vertiginosa e ampla a concepção de uma “medicalização do social” (CAMPOS, 2017, pag. 31).

Ainda, ultimamente há uma preocupação no campo da saúde em que um saber “não médico” para a ser controlado e definido como tal, ou seja, o ser humano passa a ter uma olhar estritamente biológico, muitas vezes ignorando-se as diversas dimensões da condição humana(dimensão social, histórica, política e cultural).

Em vista disso, Campos(2017) ao citar Birman(2001), indica que na atualidade a subjetividade humana é atravessada por uma lógica que se encontra subordinada à

indústria farmacêutica. Entretanto, essa vinculação está cada vez mais nociva na produção da subjetividade dos indivíduos deprimidos, como Tavares afirma:

Como podemos observar, existe uma forma padronizada de (ex)-sistência desses sujeitos a partir do momento em que lhes atestam o diagnóstico de depressão, isso como consequência direta do também padronizado diagnóstico e tratamento que lhes sucede. O que nos chama a atenção é o fato de que alguns desses pacientes, uma vez diagnosticados como depressivos e (in)devidamente medicados, perdem grande capacidade de abertura para uma psicoterapia e, quando em algum momento nelas apostam, trazem em sua queixa uma evidente insatisfação com relação à “vida medicalizada”(CAMPOS,2017 apud TAVARES,2010, p. 136).

Isso se explica pelo fato que há no sujeito deprimido uma recusa de qualquer aprofundamento em sua dimensão psíquica de seu sofrimento, com uma grande dificuldade em adentrar nas fantasias que o compõem. Logo, origina-se uma formação de compromisso com a medicação: uma promessa de alívio da dor sem entrar na subjetividade. Por isso que o antidepressivo faz tanto sucesso e é tão consumido na contemporaneidade.

Em resumo, há elementos que contribuem para um estado depressivo na atualidade: a cultura narcísica da pós-modernidade, onde os indivíduos ignoram a dimensão psíquica de seus sofrimentos, tendo-se a indústria farmacêutica na prescrição de psicotrópicos com uma promessa de um bem-estar duradouro. Diante disso, o sujeito deprimido se encontra em um processo de desresponsabilização de si prolongando ainda mais seu sofrimento.

Nessa perspectiva, segundo Machado e Ferreira (2014), a psicanálise pode ajudar o sujeito a acessar seus conteúdos inconscientes através da fala, já que ela compreende a depressão como um sintoma do sofrimento psíquico em seus diferentes aspectos na atualidade. Assim, a psicanálise pode contribuir sendo um lugar de escuta desse sujeito depressivo dando a eles a oportunidade de adentrar nas causas de seu sofrimento.

INDÚSTRIA FARMACÉUTICA E O MERCADO DAS DOENÇAS

O fenômeno da medicalização da vida é latente na sociedade contemporânea. O acelerado desenvolvimento da indústria farmacêutica está em franca expansão,

colocando a produção de medicamentos como o segundo setor mais rentável do mundo, bem como o segundo em concentração de capital, concorrendo apenas com grandes bancos internacionais.

Entre eles, os psicotrópicos estão no topo da pirâmide, aliados à proliferação de diagnósticos e ao surgimento constante de novas síndromes no campo da psiquiatria moderna, para os quais drogas de humor são cada vez mais indicadas, com a promessa de corrigir estados mentais supostamente desviantes. Nesse sentido, os antidepressivos ocupam o terceiro lugar entre os medicamentos mais vendidos no mundo.

Somente nos Estados Unidos – onde os antidepressivos foram durante alguns anos o tipo de medicamento mais consumido – o volume de vendas desses fármacos foi, em 2004, de 10 milhões de dólares, mais da metade das vendas mundiais (Hernández,2010, apud Machado&Ferreira,2014, p.137).

Não é por acaso que o setor farmacêutico foi incluído na lista de “um dos mais lucrativos dos Estados Unidos nos últimos cinquenta anos” (Appaix, 2011, p. 27). Na categoria de psicofármacos, ao lado do mercado de antidepressivos, os antipsicóticos ainda ocupam posições de liderança de oferta. Segundo Olivier Appaix (2011), 1.100 pessoas, entre adultos e crianças, estão diariamente na lista de ajuda financeira federal para compra de antipsicóticos.

É válido ressaltar que a indústria farmacêutica adquiriu novos contornos a partir das transformações econômicas ocorridas no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, quando o foco na produção industrial cedeu lugar ao saber científico e às pesquisas tecnológicas.

No plano econômico, na década de 1960 e meados da década de 1970 a indústria farmacêutica foi marcada pelo desenvolvimento de pesquisas tecnológicas, sendo que, nesse período, as empresas ainda eram majoritariamente nacionais (Santos & Farias, 2010 citado por Ferreira, Machado,2014). Ainda na década de

1970, uma importante transição se efetua com a disseminação dos medicamentos genéricos e consequente diminuição dos lucros das grandes empresas farmacêuticas, além do surgimento da biotecnologia, que na década seguinte desembocaria no surgimento crescente de novos medicamentos. Estes novos medicamentos trazem uma grande promessa advinda da indústria farmacêutica: acabar com os sintomas de forma mais rápida e eficaz, deixando-se de lado outros meios terapêuticos.

Assim, na década de 1980 se inicia uma corrida por “medicamentos inovadores”, culminando no surgimento do antidepressivo fluoxetina, na Bélgica, no ano de 1986 (Angell citado por Santos & Farias, 2010; Hernáez, 2010) resultante do aprimoramento dos antidepressivos que surgiram já na década de 1960 (Preciado, 2008). A fluoxetina, popularizada nos Estados Unidos sob o nome de Prozac, inaugura toda uma geração de psicotrópicos, mas também da produção de subjetividades que marcariam a chamada “geração Prozac”. Além disso, a fluoxetina, mais precisamente o Prozac®, ocasionou uma verdadeira revolução na indústria farmacêutica, elevando os antidepressivos à condição de um dos medicamentos mais consumidos nos Estados Unidos nos últimos dez anos.

A partir de então, inicia-se outra corrida, não mais por “medicamentos inovadores”, mas por doenças, síndromes e transtornos inovadores. À beira do novo milênio, na década de 1990, cresceram os investimentos em pesquisas na indústria de cosméticos e dermatologia. Medicamentos para o emagrecimento e perda do apetite passaram a ser comercializados, assim como o metilfenidato ou Ritalina®, para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, e os psicotrópicos para a depressão infantil (Preciado, 2008 apud Machado & Ferreira, 2014).

A EPIDEMIA DO DIAGNÓSTICO DE DEPRESSÃO

Apesar do surgimento das novas síndromes, a depressão permanece atuando como um dos principais motores da indústria farmacêutica. Conforme Machado e Ferreira (2014), esse fenômeno foi largamente explorado por Philippe Pignarre, sociólogo francês que, depois de ter trabalhado no ramo farmacêutico, passou a explorar as contradições da indústria de medicamentos. Para o autor, o “surto” de depressão a que assistimos se configura como uma verdadeira epidemia: não é por acaso que a depressão é hoje a quarta causa mundial de incapacidade, devendo passar à segunda posição nos próximos vinte e cinco anos.

O ministério da saúde divulgou ano passado que na América Latina, o Brasil é o país com maior prevalência de depressão, além de ser o segundo país com maior prevalência nas Américas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Neste quadro, a questão latente é como a depressão se tornou uma das síndromes ou doenças mais diagnosticadas das últimas décadas.

Esse mesmo sociólogo fez uma análise da epidemia de depressão em três aspectos: econômico, político e o psicológico.

No aspecto econômico, é possível afirmar que, além de uma epidemia, síndrome ou doença, a depressão é antes de tudo um nicho de mercado. Cabe lembrar que na década de 1950, no contexto do surgimento da imipramina (antidepressivo anterior à chamada “geração Prozac”) os laboratórios farmacêuticos não financiaram o desenvolvimento do fármaco por considerar insignificante o “mercado da depressão” (Pignarre,2012 apud Machado&Ferreira,2014). Em outros termos, partia-se do princípio de que para vender a ideia da depressão é preciso antes criar consumidores convencidos a comprá-la.

Um exemplo mais próximo e generalista pode ser tomado em relação a outros medicamentos. A esclerose múltipla, doença que atinge aproximadamente trinta mil brasileiros, foi alvo de campanhas de sensibilização apoiadas por grandes indústrias farmacêuticas, e o medicamento para seu tratamento, o Betaferon/Betaseron®, da

Bayer, consta no relatório anual da companhia como o mais vendido do ano de 2011, totalizando um lucro de 1,117 milhões de euros (Bayer, 2011 citado por Machado&Ferreira,2014).

Do ponto de vista político, ressalta-se o papel das organizações, intimamente relacionadas à economia e ao conhecimento científico, para a contaminação da epidemia de depressão. Com efeito, a mesma organização que anunciou ser a depressão o “mal do século” capacitou médicos generalistas para detectá-la em uma consulta de duração máxima de quinze minutos.

Assim, com o uso do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) como instrumento diagnóstico, é possível classificar um caso como de depressão se presentes cinco sintomas de nove por mais de duas semanas. No mesmo sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em parceria com a indústria farmacêutica, divulgou a importância das psicopatologias e a formação deficiente dos médicos nessa área para, em seguida, engendrar programas de formação rápida e capacitar os médicos a detectar os deprimidos (Pignarre, 2012 apud Machado&Ferreira,2014).

Um dos problemas dessa metodologia fastfood é que o diagnóstico centrado nos sintomas de ansiedade, fadiga, insônia e outros, exclui do quadro todos os fatores sociais envolvidos na instalação do suposto quadro depressivo. Sem recair no sociologismo, como alerta Pignarre (2012) citado por Machado&Ferreira (2014), é inegável a participação dos meios de comunicação e da mídia no humor depressivo daqueles que não correspondem ao ideal de beleza de nossa sociedade hedonista.

Ou, ainda, medicar um quadro depressivo provocado por constantes episódios de assédio moral no trabalho é certamente um equívoco, já que não resulta em nenhuma modificação das condições de trabalho impostas ao medicado.

Deste modo, segundo o filósofo Ian Hacking, o sujeito contemporâneo está interessado em um diagnóstico afim de se ter um processo de pertencimento identitário. Por conseguinte, busca uma solução para seu sofrimento(sintoma) apenas na esfera biológica e farmacêutica (Sanches,2010 apud Machado&Ferreira,2014).

Por último, o aspecto psicológico da depressão diz respeito às vantagens, ou ainda – no vocabulário psicanalítico - à resistência gerada pelo ganho secundário que ela possibilita ao deprimido. Em outras palavras, para justificar comportamentos, é mais legítimo assumir-se “deprimido” do que elaborar reflexões sobre o modo de vida contemporâneo, sobre a falta ou o excesso de felicidade que a sociedade exige de seus membros, no imperativo da necessidade do “gozar a qualquer preço” nos dias atuais.

Desde os anos 60 do século passado, a indústria farmacêutica passa a ter o foco direcionado aos transtornos mentais através de campanhas midiáticas e de produção científica, atuando junto à psiquiatria, desconsiderando-se outras possibilidades terapêuticas.

A psicanálise encontra-se neste campo de terapêuticas alternativas à medicação suprimidas pela indústria farmacêutica. Oferece uma escuta através da palavra para a elaboração do mal-estar, do sofrimento do sujeito. A psicanálise então “se compreende como uma experiência do sujeito onde os conceitos servem para articular um fenômeno que não é da ordem das ciências naturais ou formais” (PEREZ,2009 apud MACHADO&FERREIRA,2014, p.141).

4. Considerações finais

Não se pode negar a existência do diagnóstico de depressão nos dias atuais. O que nos faz aflige é o carácter epidêmico que esse mal alcançou: ocupou nosso cotidiano de tal maneira que não há mais espaço para sentir, para sofrer e elaborar perdas, insucessos, lutos.

Por outro lado, a indústria farmacêutica vem assumindo um protagonismo na divulgação do transtorno, no aumento de diagnósticos e do tratamento

exclusivamente medicamentoso. Logo, o consumo desenfreado de antidepressivos está refreando cada vez mais as angústias e os sofrimentos dos indivíduos, como consequência, havendo uma desresponsabilização subjetiva de si mesmos.

Além disso, segundo Kehl (2009), o sujeito contemporâneo medicalizado tem sua singularidade aniquilada em prol de um modo de existir universalizado em que qualquer experiência vivenciada é passível de cura, de correção medicamentosa, poupando o sujeito de se confrontar com suas frustrações de não ser o humano onipotente que a modernidade havia prometido (é preciso que o ser humano seja previsível, tratável e objetivo).

Por fim, em uma época em que a sociedade está anestesiada pela indústria farmacêutica, cabe à psicanálise o papel de tentar resgatar a singularidade através da fala e do mergulho no inconsciente de cada analisado.

5. Referências

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 22-44, 2016.

DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. Planeta Estratégia, 2021.

CARVALHO, Daura Cândida Pereira; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa de. A depressão na clínica psicanalítica: ressonâncias da atualidade. **PP [Internet]**. 10º de janeiro de, v. 20, n. 2, 2017.

<https://brasil.un.org/pt-br/173825-pandemia-de-covid-19-desencadeia-aumento-de-25-na-preval%C3%Aancia-de-ansiedade-e-depress%C3%A3o-em> acesso em 20 de março de 2023.

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao> acesso em 20 de junho de 2023.

HERCULANO, Livia; DANZIATO, Leonardo. O SUJEITO SILENCIADO PELO DISCURSO MÉDICO: UM ESTUDO SOBRE O DIAGNÓSTICO DE DEPRESSÃO NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE. **Revista Affectio Societatis**, v. 19, n. 37, 2022.

BERVIG, Gabriele Opitz; PORT, Ilvo Fernando; CERVEIRA, Luis Alexandre. O SUJEITO COMO OBJETO: A DEPRESSÃO E A MELANCOLIA COMO SINTOMA SOCIAL. **Revista Fronteiras em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 11-28, 2021.

COSTA, Mariana Carvalho da. Um percurso freudiano das depressões. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 1, p. 126-140, 2015.

LEITE, Marco Correa. Da sociedade de consumo ao sujeito consumido. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 181-194, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão: A Atualidade das Depressões**. 2. ed., São Paulo: Bomtempo, 2009.

MACHADO, Letícia Vier; FERREIRA, Rodrigo Ramires. A indústria farmacêutica e psicanálise diante da "epidemia de depressão": respostas possíveis. **Psicologia em Estudo**, v. 19, p. 135-144, 2014.